IV SIES
Simpósio Internacional de Educação Sexual:
Feminismos, identidades de gênero e políticas públicas
De 22 a 24 de abril de 2015
Local: UEM

O OCTÓGONO COMO PALCO DA MISOGINIA

Carla Lisbôa Grespan[1]
PPGEDU/UNILASALLE/Canoas

RESUMO As práticas corporais/esportivas na contemporaneidade trazem corpos reestruturados e ressignificados indicando a transitoriedade na construção das feminilidades, das masculinidades e das sexualidades. Os esportes classificados como de combate/lutas, e dentre eles o Mixed Martial Arts, ainda são identificados como "masculinos" ao exigirem d@s atletas contato físico, força, virilidade, coragem, desprezo da dor, identificando-@s com as representações de "uma" masculinidade, a heteronormativa. Neste contexto o artigo tematiza as mulheres que praticam o MMA tendo como foco o UFC. Com o objetivo de analisar a articulação dos discursos biologicistas e heteronormativos com os comentários misóginos postados pel@s usuári@s, veiculados na cibercultura através de dois sites: Combate e Tatame. Para sistematização deste material foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e os conceitos analíticos das Teorias Pós-estruturalistas e, sobretudo, Estudos Feministas, de Gênero e Queer, que possibilitam maior visibilidade acadêmica às temáticas que entrelaçam os corpos, as relações de gênero, as sexualidades com as práticas esportivas, desestabilizando as formas de poder, controle e incitamento do corpo e colocando em xeque o discurso do essencialismo dicotomizado.

Palavras-chave: Artes Marciais Mistas; Lutas; Mulheres; Misoginia.

INTRODUÇÃO

As práticas corporais/esportivas na contemporaneidade trazem à tona corpos reestruturados e ressignificados indicando a transitoriedade na construção das feminilidades, das masculinidades e das sexualidades e desestabilizando as formas

[1] Doutoranda em Educação pela UNILASALLE/Canoas e Mestra em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS.

de poder, controle e incitamento do corpo e colocando em xeque o discurso do essencialismo dicotomizado[2].

O discurso essencialista dicotômico é observado no esporte de rendimento que exige um desempenho ligado à condição física e, ao mesmo tempo, se preocupa "que ele possa masculinizar atletas mulheres, uma vez que a feminilidade convencional não incorpora imagens de força física e musculosidade." (SILVEIRA; VAZ, 2013, p. 295)

Os esportes classificados[3] como de combate ou de lutas, ainda são identificados como práticas esportivas "masculinas", ao exigirem d@s[4] atletas contato físico, força, virilidade, coragem, desprezo da dor, identificando-@s com as representações de uma masculinidade, a heteronormativa. Dentre estes esportes, podemos nomear o *Mixed Martial Arts* – MMA – Artes Marciais Mistas, como um dos lócus de constituição deste processo heteronormativo.

Neste contexto o artigo tematiza as mulheres que praticam as Artes Marciais Mistas tendo como foco o *Ultimate Fighting Championship* – UFC, com o objetivo de analisar como os discursos biologicistas e heteronormativos se articulam com os comentários misóginos postados pel@s usuári@s, veiculados na cibercultura através de dois sites: Combate e Tatame.

O material empírico teve como recorte temporal o período entre a contratação de mulheres pelo UFC, a partir de 01 de dezembro de 2012 até a última luta da temporada 31 de dezembro de 2013, sendo sistematizado através da metodologia

[2] Por essencialismo refiro-me a "tendência a caracterizar certos aspectos da vida social como tendo uma essência ou um núcleo – natural ou cultural – fixo, imutável.". E dicotomizado entendido a partir do conceito de binarismo a "relação de oposição entre dois termos. Segundo Jacques Derrida, grande parte do pensamento filosófico ocidental organiza-se em torno de oposições binárias tais como natureza/cultura, escrita/voz, masculino/feminino, nas quais um dos termos é privilegiado relativamente ao outro. É tarefa da desconstrução mostrar que os termos de uma oposição binária são mutuamente dependentes". (SILVA, 2000, p. 53 e p. 85)

[3] Esporte de combate ou luta: são aqueles caracterizados como disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s) com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. (BRASIL, 1998, p. 70)

[4] Em todo o texto será utilizado @ em substituição a/o como opção pelo uso da linguagem não sexista. (UNESCO, 1996)

de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin[5] e utilizando os conceitos analíticos das Teorias Pós-estruturalistas e, sobretudo, Estudos Feministas, de Gênero e *Queer*, que possibilitam maior visibilidade acadêmica às temáticas que entrelaçam os corpos, as relações de gênero, as sexualidades com as práticas esportivas.

AS MULHERES NO MMA: DA INVISIBILIDADE PARA VISIBILIDADE?

Gertrud Pfister considera o esporte como uma prática social que "ainda é um mundo masculino... as atletas praticantes de "esportes masculinos" são uma pequena minoria de jovens mulheres e que a revolução das atividades físicas femininas é restrita... o poder estava e está nas mãos dos homens". (2003, p. 12)

Este poder pode nos silenciar, nos tornar invisíveis, como em dois livros "Filho teu não foge à luta"[6] e "Do Vale-Tudo ao MMA – 100 anos de luta"[7], que narram a construção do esporte *Mixed Martial Arts* sob as normas da masculinidade hegemônica. Sejam nas informações ou nas imagens do período entre 1920 a 2013 não há uma única referência às lutadoras de MMA brasileiras ou internacionais.

Segundo Michel Foucault, os silêncios são constitutivos das relações de poder, sendo o poder uma rede de forças onde ocorrem ajustes e acordos, disperso por toda a sociedade, descentralizado, horizontal, relacional, produtivo e, portanto ligado ao saber. Desta forma, o poder "produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso". (1979, p. 8)

O silenciamento, ou seja, a invisibilidade no processo de construção do MMA como esporte relaciona-se com o conceito foucaultiano de discurso[8], que são o conjunto de enunciados de um determinado campo de saber, tornando-se mais abrangente com o conceito de representação de Katheryn Woodward que "inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito." (2007, p.17)

[5] BARDIN, 2011.
[6] AWI, 2012.
[7] ALONSO; NAGAO, 2013.
[8] FOUCAULT, 2009.

O discurso como elemento ativo das estratégias de poder-saber constrói e veicula representações de mundo e de seus sujeitos, com o intuito de naturalizar, classificar e hierarquizar (permitido/proibido, certo/errado, adequado/inadequado, normal/diferente, incluíd@/excluíd@). No caso do MMA, isto fica bem explícito pesquisando o período abordado (1920 a 2013) nos livros citados anteriormente, outr@s autor@s citam a participação das mulheres neste esporte desde 1996, por exemplo, o texto "Conheça as pioneiras que abriram as portas do MMA para as mulheres", da jornalista Ana Hissa, publicado em 2013, onde há o registro de algumas pioneiras que disputaram lutas de MMA em diferentes países.

A história das Artes Marciais Mistas, aqui exemplificada em dois livros, mas amplamente difundida em artigos e reportagens procura visibilizar somente os homens como constituintes desta prática esportiva. Este processo discursivo passa a ser questionado a partir da importância que a mídia esportiva deu a incorporação das mulheres pelo *Ultimate Fighter Championship*, que culminou com o anúncio da contratação de Ronda Rousey pelo UFC em 06 de dezembro de 2012.

Segundo Débora Alves,

> o MMA é a nova menina dos olhos do marketing esportivo. Consequentemente as principais marcas do mercado estão investindo cada vez mais no UFC, pois estão percebendo um grande potencial nessa modalidade, [...] devido à alta liquidação de ingressos, grande visibilidade midiática e vasta repercussão do campeonato. (2012, p.11)

A ligação entre o marketing esportivo e o MMA de mulheres pode ser verificada no UFC com a criação, em 2013, do TUF18[9], primeiro com participantes, homens e mulheres, disputando dois contratos de Peso Galo (até 61,2kg) com o UFC, divididos em dois times, e que pela primeira vez estes foram treinados por mulheres, as lutadoras Ronda Rousey e Miesha Tate. E em 2014, TUF20, que

[9] Um reality show, inicialmente exibido na TV americana, no qual coloca lutador@s em início de carreira para viver, treinar junt@s e lutar entre si em uma determinada classe de peso. Sendo que @ vencedor/a terá como premiação um contrato com o UFC. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Ultimate_Fighter>. Acesso em: 26 jan. 2014.

contou com um elenco exclusivamente de mulheres, sendo a estreia da nova divisão de peso (Peso Palha até 52kg) e um novo título para a vencedora - a de campeã peso palha feminino do UFC.

Outra ligação entre mercado de consumo e esporte é que os organizadores de eventos de MMA se utilizaram, e utilizam habilmente, da cibercultura para difundi-lo através de sites e blogs que proporcionam notícias, reportagens, cartel d@s lutador@s, acesso a sites de compras de produtos esportivos e local para postar comentários sobre as notícias e as reportagens.

A partir de agosto de 2012, ao acompanhar sites e blogs relacionados as Artes Marciais Mistas, foi possível verificar que até a entrada das mulheres no UFC em novembro de 2012, o maior número de reportagens, de notícias de eventos e de entrevistas eram sobre e com lutadores de MMA, sendo os comentários postados pelos usuários, em sua grande maioria, restritos a temática sobre o rendimento do atleta no combate. A contratação da lutadora Ronda Rousey pelo UFC, não somente aumentou o número de matérias jornalísticas como modificou a temática dos comentários dos usuários passou para beleza e sexualidade.

Em relação a estas mudanças de foco discursivo Michel Foucault afirma

> Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (2009, p. 10)

Desta forma, uma das possibilidades de analisar as questões relacionadas às performatividades de gênero e de sexualidades pode ser identificada na mídia, sendo um dos locais pedagógicos onde os discursos hegemônicos e subordinados realizam seus jogos de poder/saber, articulam suas representações que nos constituindo como sujeitos.

O discurso midiático (re)constrói, (re)afirma e (re)significa as normas, mas, também, provoca resistências, insubordinações, borrando fronteiras pré-estabelecidas. Dentre os diferentes artefatos midiáticos que existem em nossa sociedade, destaca-se a cibercultura compreendida aqui como:

> uma estrutura midiática ímpar na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, para qualquer lugar do planeta e alterar, adicionar e colaborar com pedaços de informação criados por outros. (LEMOS, [2009?], p. 48)

O DISCURSO BIOLOGICISTA E A HETERONORMATIVIDADE

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2008, p. 33), o processo de significação da cultura ocidental está fundado na ciência moderna que se formula a partir do racionalismo cartesiano e do empirismo baconiano constituindo-se no positivismo oitocentista que transformam o mundo e as pessoas em algo que podem ser quantificadas, classificadas e hierarquizadas.

Este processo de significação constituiu um sistema de marcação da diferença e que se dá sempre em relação a alguma coisa, ao não diferente, um sistema de classificação que torna-se intrínseco às relações de poder e faz com que o "diferente" tenha uma qualificação negativa; nomeia o "normal" como centro e o "diferente" como a margem; produz a fronteira entre a "norma" e o "desvio".

Apoiando-se nas oposições binárias, os discursos produzidos pela ciência moderna buscam na suposta essência biologicista na constituição dos sujeitos, discriminando seus corpos, seus gêneros e suas práticas sexuais, pois procuram fixar e estabilizar os sujeitos em uma identidade tornando-a hegemônica. Isto não significa que as fronteiras não sejam ultrapassadas, sendo necessário colocar em prática o processo heteronormativo que está baseado em regras de controle, que precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para dar o efeito de natural.

Judith Butler (2010) aponta que a partir de interesses médicos, religiosos e políticos se constituiu o discurso científico que naturalizou o sexo através da criação do gênero, sinaliza assim que o corpo é uma construção que não possui qualquer atribuição anterior ao sexo, sendo, simplesmente, fruto da construção cultural do gênero. O mecanismo que tem por objetivo perpetuar e estabilizar o sexo e o gênero é a identidade, uma imposição normativa, regulativa de uma suposta verdade, a chamada "matriz de inteligibilidade", onde se conecta sexo, gênero e desejo, não sendo nada mais do que uma "matriz heterossexual"[10].

A heterossexualidade compulsória é sistema que acomoda e hierarquiza as relações de gênero em que o homem é visto como modelo para todas as relações, inclusive aquelas em que não está presente. Desta forma, assumir o gênero é interpretar as normas na superfície do corpo em um determinado contexto. Esse efeito é performativo[11], tem o poder de produzir aquilo que nomeia, repetindo e reiterando as normas e/ou resiste à significação cultural dominante e revela as suas ficções.

A identidade-chave para a construção da significação dos sujeitos e o fator determinante para sua qualificação dentro de uma determinada sociedade, é o gênero, e seu efeito se produz através da estilização do corpo, forma de fabricar a "ilusão" da permanência do ser sexuado. O corpo não é uma superfície sexuada e pré-existente, sujeitado à inscrição cultural da sociedade heteronormativa, mas ativo no processo representacional e pode atuar de forma a subverter o gênero performativo.

As tecnologias corporais permitem que as pessoas lidem com os imperativos sociais[12], com as regras de comportamento e com a forma como querem se inserir socialmente, sendo assim, são generificadas, pois conformam o corpo às formas socialmente aceitas como masculinas e femininas. Um exemplo destas são as

[10] MELONI, 2008, p. 77.
[11] BUTLER, 2010.
[12] PITTS, 2003, p.92.

atividades físicas que parecem cumprir somente dois objetivos: para as mulheres perder peso e para os homens adquirir volume ou massa muscular.

Ao lado desta adequação ao corpo hegemônico objetivado pelas disciplinas biomédicas e estéticas, aparecem formas alternativas de aparência e modificação corporal que expressam novas possibilidade em relação ao pertencimento cultural, ao gênero, ao prazer, à sexualidade, à tecnologia, à estética e à beleza. Estas fruições corporais permitem novas formas de representação dos corpos, possibilidades adaptativas e plásticas produzidas por meio da biotecnologia.

As novas biotecnoformas são ao mesmo tempo criativas e festivas, provocadoras e subversivas, inventando ações que desestabilizam as representações dominantes. Dificultando a definição do corpo aponta para a desconstrução da objetividade da matéria e que sua atribuição de valor é um efeito do discurso e das representações tomando consistência através da performatividade.

A MISOGINIA NO MMA VIRTUAL

A cibercultura como “uma estrutura midiática” é um lócus profícuo para as pesquisas que analisam as performatividades de gênero nas práticas esportivas e suas interfaces com as tecnologias digitais, pois as práticas esportivas constituem relações de saber-poder que produzem múltiplas discursividades de ser e estar no mundo, convergentes ou divergentes, que se utilizam da mídia para veiculá-las e (re)produzi-las.

A heteronormatividade reafirma as representações normatizadas do que é ser feminino ou masculino e qual prática sexual é a permitida pela sociedade; as atitudes que os sujeitos têm que tomar, para se tornarem incluídos, colocando os que não se “enquadram” a margem, na fronteira, na invisibilidade, reproduzindo a heterossexualidade como algo natural, dado desde sempre e incitando a homofobia e a misoginia.

As lutadoras de MMA apresentam novas configurações de corpos, potencializados pelos exercícios físicos e/ou pelos "medicamentos", tatuados, e diferentes performatividades, dentro do octógono demonstram virilidade, força, coragem, raiva; fora dele, em entrevistas e eventos, precisam estar maquiados, trajando vestidos, cabelos soltos e lisos. Para Viviane Silveira e Alexandre Vaz, o esporte de rendimento:

> exige um desempenho ligado à condição física e, por isso, podemos observar a preocupação de que ele possa masculinizar atletas mulheres, uma vez que a feminilidade convencional não incorpora imagens de força física e musculosidade. As mulheres que praticam esporte assumem atributos do gênero masculino (em virtude do desenvolvimento dos músculos e da força), extrapolando as normas de seu gênero. (2013, p. 295)

Os sites pesquisados, Combate e Tatame, durante o período de 01 de novembro de 2012 à 31 de dezembro de 2013, produziram 331 reportagens e 4174 comentários (Combate 191 reportagens e 2824 comentários/ Tatame 140 reportagens e 1350 comentários). Algumas destas reportagens e comentários procuraram reiterar as normas, estabilizar e controlar os pontos de fuga dos acontecimentos e dos sujeitos que ultrapassam ou permanecem nas fronteiras através de representações discriminatórias que conduzem à subalternização, à marginalização ou mesmo exclusão de pessoas ou grupos com base no discurso biologicista e da heteronormatividade.

Algumas falas d@s usuári@s procuraram inferiorizar as lutadoras como atletas, seja: por sua suposta fragilidade física, pela falta de qualidade técnica, por suposta posição que deveriam ocupar na sociedade, ou por um suposto "descrédito" que o MMA vem sofrendo como esporte a partir entrada das mulheres no UFC. Para exemplificar, os comentários de Helinton Pereira, Mr. Milk, Roberto Tavares, Luan Almeida e Douglas Marinho De Mellos:

> Nos EUA tem um evento de "Luta" que é exatamente isto se chama Rumble Roses, aonde mulheres de biquíni "lutam" na lama rsrsr (TUF 18..., 2013)
>
> MMA feminino: trocação de fralda, ground and pound no tanque, gancho no varal, passagem de ferro, montada na cama e submissão no cartão. (NA FINAL..., 2013)
>
> vai ter liberar briga entre crianças tambem ?? Quem sabe brigas de galo ... brigas de idosos acima de 70 anos..... pobres coitados!!! (RODRIGUES, 2013b)
>
> ela é mto gata mesmo.. as duas são... fariam mais sucesso se fizessem filme pornô, uma cena com as duas juntas seria interessante. (RODRIGUES, 2013a)
>
> vão lava roupa mulherada. (MIESHA..., 2013)

Outras falas procuram desvalorizar as atletas através da erotização de partes de seus corpos e explicitação de fantasias sexuais, como as dos usuários Rodrigo Purgato, Jtricolor, João Donato e Felipe Brito:

> As duas são gostosíssimas mesmo, comeria as duas até o afinar o pau... (TUF 18..., 2013)
>
> É UMA POTRANCA DEVE FAZER UM SEXO BEM FIRME SUBINDO E DESCENDO NUMA VELOCIDADE FIRME E BEM CONTROLADA. E ESSA ABERTURA IMAGINA SÓ POR CIMA COM UMA ABERTURA DESSAS ENTRA ATE AS BOLAS NÃO SOBRA NADA DO GURI. (ULTIMATE..., 2013)
>
> sábado é a luta, domingo elas se recuperam no hospital....e vc come elas na SEGUNDA kkk (RODRIGUES, 2013a)
>
> ISSO É RIDICULOOOOOOOOOOO, O UFC QUER MESMO PERDER FÃS. COMO PODE DEIXAR A LUTA LYOTO VS HENDO, COMO CO- MAIN EVENT? ISSO É LOUCURAAAAAAAAAAAA, ACHO QUE A RONDA, REALMENTE DEU UMA CHAVE VCS SABEM DO Q!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! (RONDA..., 2012)

Determinados comentários beiraram ao incitamento à violência física (sexual ou não) por acreditarem que as mulheres não são sujeitos que pertençam ao

octógono. As falas de Kenzo Carioca, Jairo Teixeira, Paulo Dalcy e Emerson Castro explicitam este incitamento:

> Pego a Ronda de 4, seguro pelo cabelos, dou tapa na cara e pressiono o cotovelo nas costas pra ficar empinada, e não adianta chorar, quero ouvir gritando : mete com força. Ah a Miesha tbm. Kkkkkkkkk (TUF 18..., 2013)
>
> Nuuuooooosaaa.. Dah jus ao Apelido de Cyborg... Feia mas tão feia que se fosse minha filha, ma banheira eu jogaria brinquedos como radio e torradeira elétrica. (ALBUQUERQUE, 2013)
>
> Cachorras gostosas. (BETH..., 2013)
>
> Essa menina precisa tomar um pal enorme tanto no ringue como na cama pra se tornar um pouquinho humilde. (EQUIPE..., 2013)

As representações discursivas elencadas anteriormente identificam aquilo que comumente nomeamos de Misoginia - desvalorização, desprezo e ódio às mulheres, tendo por objetivo impedir o empoderamento das atletas, preservando o octógono para os combates entre os homens, sujeitos hegemônicos. Assim, legitima os discursos que não reconhecem às diferenças, às multiplicidades e à equidade de oportunidades[13] nesta prática esportiva.

CONSIDERAÇÔES FINAIS

Os padrões de corporalidade feminina vêm se alterando e a noção da fragilidade vai se adequando à da 'mulher ativa': no fitness os corpos devem ser magros, firmes, sem serem 'musculosos demais', e no esporte profissional preconizam um corpo potencializado, viril e musculoso. (ADELMAN, 2003)

[13] O termo IGUALDADE DE OPORTUNIDADES não significa igualdade de acesso. O princípio de igualdade de acesso não é suficiente para possibilitar IGUALDADE DE OPORTUNIDADES; oportunidade refere-se à liberdade e à possibilidade concreta, real, de realizarmos os nossos desejos e convicções. Mas a ideia de EQUIDADE leva-nos mais longe e comporta outras implicações: envolve a capacidade de ajuizar se uma situação particular é justa; implica a consciência de que respeitar apenas um conjunto de leis ou de regras pode não ser suficiente para assegurar a justiça, o respeito pelas características únicas de cada sujeito. (GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000, p. 43)

A análise dos comentários identifica que @s usuári@s, quando se referenciam aos marcadores sociais de gênero e de sexualidade, carregam emaranhados discursivos misóginos amarrando seus argumentos na “poderosa” e “natural” tríade sexo/gênero/prática sexual que funciona como forma de deter os pontos de fuga que descontroem os discursos normativos que compõem o processo heteronormativo e performativo de gênero.

As lutadoras de MMA invadiram um lócus, o UFC, constituído dentro da lógica heteronormativa e desse modo desestabilizaram a rede de poder/saber, desorganizando o processo de significação; trazendo ao visível os corpos não inteligíveis, os corpos *queers*. Para Beatriz Preciado “é preciso admitir que os corpos não são mais dóceis [...] as reapropriações e os desvios das tecnologias do corpo construíram o corpo straight e o corpo desviante moderno”. (2011, p. 15)

Identificar nos artefatos midiáticos como ocorre a desqualificação, desvalorização, desprezo e ódio às mulheres que adentram a prática das Artes Marciais Mistas tem por objetivo questionar os discursos que sustentam os binarismos e as identidades fixas, que produzem discriminação, que resultam em humilhação e agressão, analisando-os através das noções de diferença, multiplicidade e equidade de oportunidades.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, jul./dez. 2003.

ALBUQUERQUE Adriano. Cyborg acha Tate mais 'centrada' e Ronda 'desequilibrada' no TUF. **Combate.** Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/09/cyborg-acha-tate-mais-centrada-e-ronda-desequilibrada-no-tuf.html>. Acesso em: 02 out. 2013.

ALONSO, Marcelo; NAGAO, Susumo. **Do Vale-Tudo ao MMA: 100 anos de luta**. Rio de Janeiro: PVT 1, 2013.

ALVES, Débora. S. **Marketing esportivo e UFC**: Como o marketing esportivo influenciou no sucesso do Ultimate Fighting Championship?. 2012. Disponível em:

<http://www2.metodista.br/unesco/1_Ecom%202012/GT5/12.Marketing%20esportivo%20e%20UFC_Debora%20Alves.pdf >. Acesso em: 10 fev.2014.

AWI, Fellipe. **Filho teu não foge à luta:** como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BADIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETHE Pitbull estreia no UFC batendo a veterana Julie Kedzie na Austrália. **Combate.** Brisbane, Austrália. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/12/bethe-pitbull-estreia-no-ufc-batendo-veterana-julie-kedzie-na-australia.html>. Acesso em: 10 dez. 2013.

BRASIL. Secretaria dos Direitos Humanos. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil:** o ano de 2011. Brasília-DF, jul. 2012. Disponível em: <http://www.abglt.org.br/docs/Relatorio-LGBT_SDH.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2013.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

EQUIPE de Ronda Rousey aposta US$ 20 mil em vitória sobre Miesha Tate. **Combate.** Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/12/equipe-de-ronda-rousey-aposta-us-20-mil-em-vitoria-sobre-miesha-tate.html>. Acesso em: 05 jan. 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOMES, Paula Botelho; SILVA, Paula; Queirós, Paula. **Equidade na educação. educação física e desporto na escola.** Lisboa: Associação Portuguesa A Mulher e o Desporto, 2000.

HISSA, Ana. **Conheça as pioneiras que abriram as portas do MMA para as mulheres.** 23 fev. 2013. Disponível em:<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/02/conheca-pioneiras-que-abriram-portas-do-mma-para-mulheres.html>. Acesso em: 20 abr. 2013.
LEMOS, André L. M. **O que é cibercultura: origens e orientações; das ficções à tecno-arte de Pierre Lévy**. [2009?] Disponível

em:<http://culturaderede.pbworks.com/f/I+ENCONTRO+IMAGINARIO+CIBERCULTURA.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2013.

MELONI. Carolina. Judith Butler y la genealogía. La Torre del Virrey**: Revista de Estudios Culturales**, Madrid, n. 5, p. 75-81, 2008. Disponível em: <http://www.latorredelvirrey.es/pdf/05/carolina.meloni.pdf>. Acesso em: 3 maio 2012.

MIESHA perde a paciência com Ronda: 'Adoraria quebrar a mandíbula dela'. **Tatame.** Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: < http://www.tatame.com.br/miesha-perde-a-paciencia-com-ronda-adoraria-quebrar-a-mandibula-dela/>. Acesso em: 10 set. 2013.

NA FINAL feminina do TUF 18, Julianna Peña 'atropela' Jessica Rakoczy. **Combate.** Las Vegas, EUA. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/12/na-final-feminina-do-tuf-18-julianna-pena-atropela-jessica-rakoczy.html>. Acesso em: 05 dez. 2013.

PFISTER, Gertrud. Líderes Femininas em Organizações Esportivas –Tendências Mundiais. **Movimento.** Porto Alegre, v. 09, n. 2, maio/agosto de 2003, p. 11-35.

PITTS, Victoria. **In the Flesh: The Cultural Politics of Body Modification**. Editora Palgrave Macmillan. 2003.

PRECIADO, Beatriz.Multidões *queer*:notas para uma política dos "anormais".**Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19, n.1, p. 11-20, 2011.

RODRIGUES Evelyn. Miesha treina forte em Las Vegas e avisa: 'Vou nocautear a Ronda'. Combate. Las Vegas, EUA. 2013a. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/12/miesha-treina-forte-em-las-vegas-e-avisa-vou-nocautear-ronda.html>. Acesso em: 21 dez. 2013.

RODRIGUES Evelyn. UFC anuncia nova divisão feminina e TUF só com mulheres para 2014. Combate. Sacramento, EUA. 2013b. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/12/ufc-anuncia-nova-divisao-feminina-e-tuf-so-com-mulheres-para-2014.html>. Acesso em: 17 dez. 2013.

RONDA Rousey recebe cinturão e encara Liz Carmouche no UFC 157. **Tatame.** Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: http://www.tatame.com.br/ronda-rousey-recebe-cinturao-e-encara-liz-carmouche-no-ufc-157/>. Acesso em: 15 dez. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez Editora, 5ª ed., 2008.

SILVA, Tomas Tadeu da.**Teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandes. O Doping e a construção de expectativas de feminilidade: comentários a respeito do caso Rebeca Gusmão. *In:* DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, Mª. S. V. (Org.). **Educação Física e Gênero:** desafios educacionais**.** Ijuí: Ed. Unijuí. 2013.

TUF 18: time de Miesha vence luta, e Ronda chora com derrota de pupila. **Combate**. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/09/tuf-18-time-de-miesha-vence-luta-e-ronda-chora-com-derrota-de-pupila.html>. Acesso em: 20 set. 2013.

ULTIMATE reforça peso-galo feminino com modelo russa invicta no MMA. **Combate.** Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/09/ultimate-reforca-peso-galo-feminino-com-modelo-russa-invicta-no-mma.html>. Acesso em: 25 set. 2013.

UNESCO. **Redação sem Discriminação**. São Paulo: Textonovo. 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72.

THE OCTAGON AS STAGE OF MISOGYNY

ABSTRACT: The body/sports practices in contemporary bring restructured bodies and reevaluated indicating the transience in the construction of femininity, of masculinities and sexualities. Sports classified as combat/fighting, and among them the Mixed Martial Arts, are still identified as "male" by requiring the athletes physical contact, strength, virility, courage, pain contempt, identifying them with representations of a masculinity, heteronormative. In this context the article thematizes women who practice MMA focusing on the UFC. In order to analyze the articulation of biologicist and heteronormative discourse with misogynistic comments posted by users, published at cyberculture through two websites: Combate and Tatame. For systematization of this material was used the Content Analysis methodology Laurence Bardin and analytical concepts of post-structuralist theories, and especially Women's Studies, Gender Studies and Theorie Queer, which enable greater academic visibility to the themes that tie the bodies, the relationship gender, sexualities with sports practices, destabilizing forms of power, control and incitement of the body and jeopardizing the speech dichotomized essentialism.

Keywords: Mixed Martial Arts; Fights; Womens; Misogyny.